

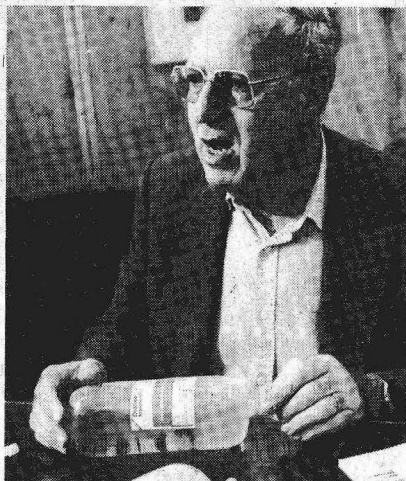
# O soro contaminado

Soros de todos os tipos — usados para hidratar pacientes ou introduzir por via venosa medicamentos diluídos, de maneira contínua —, inclusive o líquido para diálise peritoneal, têm apresentado, especialmente nos últimos dois anos, problemas de contaminação pelos mais diversos microorganismos. E segundo verificações realizadas pela Fenaess (Federação Nacional dos Estabelecimentos de Serviços de Saúde), a causa disso são as embalagens plásticas desses produtos, de qualidade inadequada, que permitem a penetração dos germes. Foi a denúncia que a Fenaess — através de seu diretor técnico Juljan Czapski — fez ontem ao ministro da Saúde, Roberto Santos.

Numa agitada entrevista à imprensa — que contou com a inesperada presença de representantes da Hiplex S.A., um dos laboratórios de hipodermia, fabricantes de soro —, o dr. Juljan falou dos problemas que estas embalagens plásticas têm criado e da gravidade da situação. Segundo ele, os processos de fabricação dessas embalagens não garantem a esterilidade das soluções que guardam. O fechamento não garante vedação perfeita. E sua espessura é insuficiente: as bactérias, muitas vezes, penetram nos soros através de microporfurações, produzidas em geral durante o próprio transporte do produto aos hospitais ou mesmo em sua armazenagem, que deveria ser feita em ambientes de temperatura nunca superior a 25°C. O que, “especialmente no Brasil, nem sempre é possível, lembrou Juljan, citando como exemplo maior o caso do Nordeste.

O diretor da Fenaess salientou, ainda, que em muitos casos a contaminação acontece no processo de enchimento dos recipientes plásticos e eles não permitem a esterilização final dos produtos que contêm.

Para que o problema de conta-



Juljan e um dos frascos

minação dos soros possa ser constatado, a Fenaess tem em seu poder e coloca à disposição do Ministério da Saúde, para análises, diversos frascos de diferentes fabricantes, ainda fechados, com soros contaminados por organismos que chegam a ser visíveis a olho nu. Na prática, quais as consequências dessa contaminação? O dr. Juljan explica:

— Os soros contaminados transmitem os germes aos pacientes que os recebem. A partir daí, eles podem sofrer as mais variadas consequências. Desde um simples quadro de febre até, por exemplo, uma septicemia, peritonite, pneumonia ou meningite, conforme o germe que houver.

O que a Fenaess espera agora do governo é uma solução a “curtíssimo prazo”. “Autorização apenas para o uso de uma embalagem que — seja de vidro ou outro tipo de plástico — garanta a esterilidade do produto.” Segundo Juljan, as antigas embalagens de vidro não davam esse problema, mas há cerca de 5 anos foram praticamente eliminadas do mercado brasileiro. As de plástico, que na verdade já são utilizadas aqui há mais ou me-

nos 15 anos, somente nos dois últimos passaram a apresentar comprovadamente esse problema de contaminação. Juljan comentou:

— Pensávamos que há cerca de dois meses, quando se levantou a questão da contaminação do sangue através das bolsas plásticas que o acondicionavam, seria incluído também o controle dos soros. Mas isso não aconteceu e agora pedimos providências.

Um dos representantes da Hiplex, que participou da coletiva, colocou seu ponto de vista:

— A embalagem plástica, por si, não apresenta contaminação. O polietileno — plástico atualmente empregado pela indústria farmacêutica fabricante de soro — é adequado. Inclusive inquebrável, o que não ocorre com o vidro. O problema é que às vezes, nesse polietileno, tem havido microrrompimentos. Que só surgem a partir de estocagens ou transporte inadequado. O fato de amontoar frasco sobre frasco, por exemplo, pode provocar esses rompimentos. Paralelamente, se os soros forem mantidos em temperatura inadequada, haverá crescimento dos microorganismos. Tudo isso deveria ser observado, além do próprio produto, antes de ser aplicado no paciente. A solução não pode estar turva.

Finalizando, o representante da Hiplex disse ainda querer deixar claro que “os fabricantes de soro têm condições de vir a apresentar o produto em vidro, a qualquer momento. Desde que lhes sejam garantidas duas condições: 1) querem ter acesso aos frascos de vidro, material atualmente em falta para as indústrias farmacêuticas; 2) é preciso que seus clientes — que são os hospitais, por sua vez pagos pela Previdência Social — estejam em condições de remunerar o uso do vidro, três vezes mais caro que o plástico. E é bom lembrar que hoje, no Brasil, são produzidos cerca de 10 milhões desses frascos por mês”.